



Monumento à  
**DIÁSPORA  
AFRICANA**  
no Maranhão



MINISTÉRIO DA CULTURA, PREFEITURA DE SÃO LUÍS E  
INSTITUTO CULTURAL VALE

apresentam



Alberto Rodrigues  
Elisabete Nascimento  
Goreth Pereira  
Luanda Martins Campos  
Ncinha Durans  
Pietra D`Ofá  
Sônia Nogueira



Vivemos em uma época em que a reflexão sobre identidade nunca esteve tão em voga. Quem somos, de onde viemos, para onde vamos?

O Monumento à Diáspora Africana no Maranhão dá luz à importância dos povos vindos da África para a cultura e o patrimônio histórico do Maranhão e do Brasil.

Ao contribuir para a reflexão sobre uma história de colonização e deslocamentos, violências e resistências decorrentes deste processo, abrimos espaço para pensarmos em um amanhã com novas cores, caras e possibilidades.

Onde tem Cultura, a Vale está.  
Instituto Cultural Vale



Por quatro séculos, a África Subsaariana perdeu milhões de indivíduos para o tráfico de pessoas dispersadas nas Américas na condição de escravizadas. Foi trazido para o Brasil o maior número de negros africanos traficados durante o período da colonização portuguesa, se estendendo, mesmo de forma ilegal, até o final do Império. O Maranhão foi o quarto estado que mais recebeu e submeteu seres humanos ao sistema de escravização desde o século XVII.

Mais do que denunciar o maior crime da história da humanidade, este monumento visa homenagear negras e negros africanos que, em diáspora forçada, muito contribuíram para a construção do Maranhão sem perder o diálogo com sua ancestralidade. Inspirados nas suas origens e memórias da Mãe África, resistiram às violências físicas e simbólicas e reelaboraram heranças e identidades, criando territórios com usos e sentidos que explicam a nossa diversidade cultural e religiosa.

A Fundação Municipal de Patrimônio Histórico - FUMPH, no cumprimento da sua missão institucional de preservar e promover o patrimônio cultural de São Luís, através da história e da memória que geram a identidade cultural da cidade, se empenhou muito para que a ideia da criação de um o monumento à diáspora africana no Maranhão se tornasse realidade.

Importante ressaltar a necessidade de um monumento dessa natureza no Maranhão, onde 80% da população é negra, para que possamos lançar um novo olhar sobre a história do povo negro, enfatizando suas lutas, valorizando a cultura, a religiosidade, as tecnologias, a literatura, para podermos desconstruir uma visão preconceituosa construída ao longo dos séculos e dar visibilidade a importante contribuição do povo negro para a nossa história e para a nossa memória.

O monumento à diáspora africana é uma grande celebração a cultura e a ancestralidade, pensado, elaborado e construído de forma coletiva pelo povo negro através dos seus intelectuais, lideranças, artistas e literatos. Conduzido pela FUMPH, contou com a colaboração da Vice Prefeitura de São Luís, da Coordenadoria Municipal da Promoção da Igualdade Racial e do Instituto Cultural Vale através da lei de Incentivo à Cultura.

A todos, a nossa gratidão, e que este Monumento possa cumprir com sua função didática e pública de lembrar e transmitir às gerações presentes e futuras acontecimentos e marcos que não devem ser esquecidos, para que possamos promover a igualdade e a inclusão étnico-racial no país.

Kátia Bogéa  
Presidente da Fundação Municipal de Patrimônio Histórico



## **IDAS E VINDAS:** resignificando e construindo novas identidades a partir do processo de diáspora africana no Maranhão

O Monumento à Diáspora Africana no Maranhão se destaca como uma poderosa ferramenta de reflexão na sociedade maranhense, incitando uma profunda análise e reconhecimento do legado do povo negro ao longo dos dolorosos quatrocentos anos de escravidão.

As contribuições dos negros, frequentemente invisibilizadas e silenciadas por esforços de embranquecimento, são inegavelmente fundamentais para a riqueza cultural e histórica do país. O projeto do monumento é guiado por um processo de escrita, no qual autores negros foram convidados a abordar, a partir de suas vivências, temas que transversalizam a diáspora.

O objetivo principal não é teorizar sobre os temas propostos nessa publicação, mas despertar o interesse do leitor em explorar mais a fundo o patrimônio cultural e a historicidade da comunidade preta brasileira. A escrita presente é uma valiosa ferramenta de conexão, destacando a importância da identidade, território, subjetividade e experiências vividas como elementos de celebração dos saberes ancestrais que moldaram os novos territórios negros no Brasil, originado de África em diáspora, através dos títulos: “Baobá: Origens diaspóricas”; “Territorialidade: pertencimento ao lugar”; “Matrizes africanas: religiosidades”; “Intelectualidades Negras”; “Tecnologias africanas: construção do Maranhão”; “Arte e cultura: expressões, memórias e heranças”; “Culinária: afeto e empoderamento” e “(Re)Existências: historicidade e militância”.

Comitê Curador





(...) e o mísero sofria; porque era escravo, e a escravidão não lhe embrutecera a alma; porque os sentimentos generosos, que Deus lhe implantou no coração, permaneciam intactos, e puros como a sua alma.

(Úrsula, Maria Firmina dos Reis)



# Baobá: origens diaspóricas

Elisabete Nascimento

Esta é uma carta às gerações - um testamento de amor à vida, um legado dos africanos sequestrados e embarcados nos portos na Costa dos escravizados. Sabe do que se trata? Preste atenção. Ainda no Benim, na África, famílias, reis e rainhas foram sequestrados. E em torno da Árvore da Vida foram obrigados ao ritual do esquecimento. Eles deixaram suas memórias esquecidas embaixo das folhagens. Mas a árvore é mágica. E, num ato de sabedoria, sacerdotes e mães de santo trouxeram favas da Árvore da Memória.

Quando as linhagens chegaram ao Brasil, plantaram as sementes das origens diaspóricas, suas tecnologias ancestrais: o manejo do ferro, da música, dos tambores, das ervas, das curas, das embarcações, da culinária, das Revoltas, das artes de feitura e laços de insubordinação... Assim, o esquecimento não destruiu a memória, porque o Ori, palavra iorubá que significa cabeça, está no meio da Memória, Origens diaspóricas. A viagem forçada, nos navios tumbeiros, pelas águas do Atlântico negro, deu origem à Diáspora Africana e à Jornada de superação.

Os antepassados inventaram aqui o Tambor de Crioula; o Bumba meu boi, a Capoeira, germinaram quilombolas, a intelectual Maria Firmina dos Reis, as Casas de Axé, com Encantados, Caboclos e Voduns... É tanta coisa pra contar que aqui não caberá.



O Monumento à Diáspora Africana no Maranhão é a riqueza deste Testamento. A herança foi construída por laços de afeto e de aquilombamentos. Abdias Nascimento sussurra: A Jornada do herói Negro, no Maranhão e no Brasil, é uma jornada coletiva, de Quilombismo.

A Ancestralidade manda avisar: A sua leitura também faz parte desta Jornada. Leia e decifre os enigmas desta herança: as 8 tecnologias ancestrais. É preciso decifrar o jogo divinatório do Oráculo de Ifá. Se você não entendeu, volte e pegue o que não pode ser esquecido: a sua parte neste legado de amor. Receba, leitor e multiplique a riqueza neste testamento. O Monumento à Diáspora Africana no Maranhão é um legado, uma rede de 8 trilhas, conhecidas como caminhos. São chamados de Odus em iorubá. Estas trilhas se ramificam em mais e mais como as minhas raízes centenárias. Isso mesmo, sou eu, o Baobá, que estou a contar.

Assim, no Maranhão, território formado da palavra Mar, nas covas das terras quilombolas, eu fui plantada. Diante dos Lençóis maranhenses, no subterrâneo profundo das águas, eu germinei em frondoso Baobá. E justamente nas terras de maior concentração de latifúndio, na Antiga Capitania Hereditária do Maranhão, floresceram linhagens de pretos e um imenso Quilombo. Que ironia. Só que não. É talento e insubordinação. Este Monumento é a herança de Contracolonização. É o que digo, inspirada em Nego Bispo.

A escravidão subestimou negros, povos originários, nossas tecnologias, laços de amor... E não destruiu a Memória. Sabe por quê? Mesmo quando meu tronco é estilhaçado, cada folha sabe narrar. A magia é preservação. Os Versos de clorofila são memórias escritas em língua de preto, pretuguês, sussurra Lélia. Estas páginas são minhas folhagens prensadas de meu corpo de afeto, Baobá.





Um dos estados com maior número de quilombos do país,  
Onde existe um município oriundo de um quilombo rural,  
Situado na Baixada Maranhense chamado de Mirinzal.  
Territórios negros situados, principalmente,  
na Baixada e no Litoral Ocidental,  
Berço da cultura negra ancestral.  
Sua capital, São Luís não é diferente,  
Território urbano de quilombolas e seus descendentes:  
Coroadinho, Bairro de Fátima e Quilombo Liberdade,  
Um quilombo urbano próximo ao centro da cidade.  
Do Brasil, o maior Quilombo Urbano,  
Onde laços de amizade e compadrio  
fortificam esses descendentes de Africanos.  
Nos territórios negros, permeiam-se as  
relações entre pessoas e espaço,  
Onde resistência e sobrevivência estão  
presas em um só laço.





# **Matrizes africanas: religiosidades**

Sônia Nogueira

Houve um tempo em que mulheres e homens africanos chegaram ao Maranhão acorrentados em navios. E eram vendidos para trabalhar como escravizados nas lavouras e cidades. Eram humilhados nas plantações; cuidavam da Casa Grande, trabalhavam nas embarcações... Eles trouxeram suas religiões, e com a influência de novos hábitos e de novo lugar, adaptaram sua forma de cultuar seus deuses. Assim surgiram o candomblé, a pajelança, a umbanda, o tambor de mina, o terecô, entre outras. Seus deuses eram chamados de Voduns, Orixás e representavam os elementos da natureza, tais como: raios, trovões, o mar, os rios, as florestas, o ferro, as folhas e os animais. São muitos Orixás, Caboclos, Jurema... Os negros apresentavam reis e rainhas como seus deuses, bem como, guerreiros, princesas, botos, iaras...

Os Orixás foram responsáveis por cuidar da saúde e manter viva a chama da luta pela liberdade entre os africanos e seus descendentes. Mas, os negros não podiam louvar seus orixás, porque os homens brancos não deixavam. Então, num ato de sincretismo, pegavam imagens de santos católicos e colocavam nos seus altares e os louvavam como Orixás. Nos dias de festas tocavam tambores, cabaças com contas coloridas e agogô, que juntos dão ritmo e alegria. Cantavam músicas para seus Orixás que vinham à Terra através dos negros. No Maranhão, nomes como Casa das Minas, Casa de Nagô, Codó, Jorge Babalaô, Pai Euclides, Bitá do Barão, Nhá Agotimé compõem a religiosidade.

Nas festas religiosas, vestiam-se com roupas bonitas, lenços e chapéus na cabeça, colares de contas coloridas nas cores azuis, vermelhas, amarelas, verdes, brancas ou pretas. Assim eles mostravam para qual orixá, caboclo ou índio, ou famílias de encantados estavam representando.



Os séculos se passaram, e os Orixás continuam inspirando maranhenses e brasileiros a inúmeras formas de resistência por meio das folhas, do canto, das comidas, da dança, dos Itans, que são as histórias dos Orixás contadas às gerações. Oxalá, o criador de tudo o que há; Xango o Orixá da justiça, Ogum, o ferreiro, Oxóssi com suas folhas e Omulu, Orixá das doenças e da cura nunca abandonaram os escravizados e seus descendentes na luta pela liberdade e contra o racismo religioso.

Os orixás femininos como Oxum, senhora da fertilidade; Iemanjá, a senhora das águas, e Iansã Guerreira nos protegem nas batalhas. Juntas, elas são a força do sagrado feminino. E representam o poder das mulheres negras e das mães de santo, nas Casas de axé. Exu é um Orixá da comunicação, aquele que abre os caminhos. Traz as notícias. Em uma de suas histórias, “ele matou um pássaro ontem com a pedra que jogou hoje”. Esse ditado iorubá nos ensina que o Orixá tem o poder de se mover no tempo. E na caída do jogo de búzios Exu diz: hoje, pelas mãos de uma Abiã, sempre aprendente, todos os Orixás têm um lugar sagrado no Monumento à Diáspora. Mojuba, meus respeitos.





# Intelectualidades Negras

Pietra D'Ofã

Tudo o que vocês fazem ou sabem da nossa intelectualidade vem da nossa ancestralidade, veio de uma oralidade que vocês não conhecem.

Vem de uma terra feita por nossos corpos, através de grillhões quebrados e um povo que foi liberto somente das casas das sinhás, um povo que foi massacrado por Duque de Caxias, um povo que fez a Balaiada. Nosso conhecimento não vem da França, nem da Holanda e também não é de Portugal, não pertence a Europa!!!!

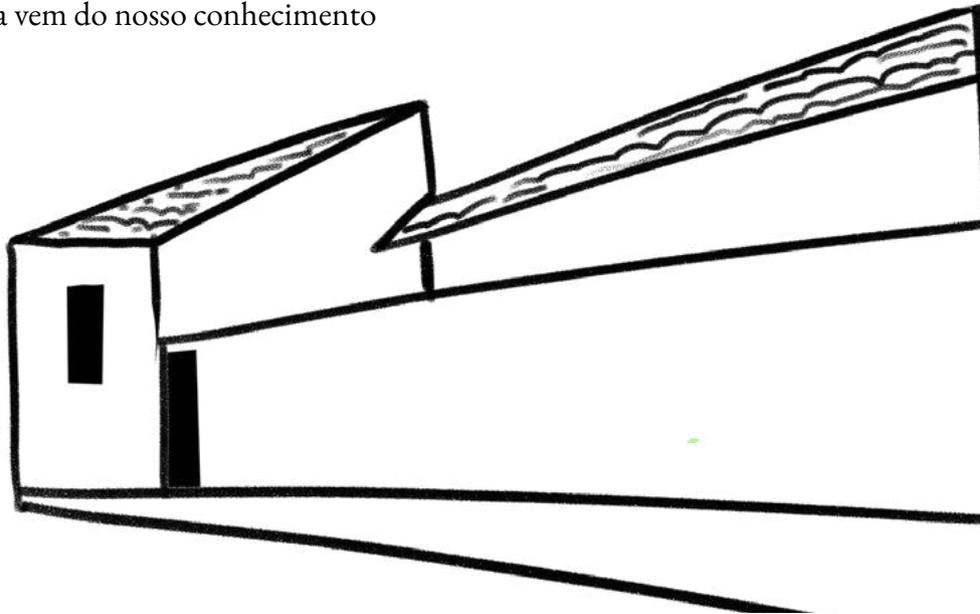
Tudo o que vocês conhecem, tudo o que vocês sabem, vem da nossa Ancestralidade. Eu fui marcada pela pedra da memória.

E minhas memórias percorrem o futuro, o agora e o passado.

Tudo o que vocês sabem da minha oralidade, da minha ginga, da minha ancestralidade, da minha intelectualidade, da minha história vem do nosso conhecimento

Eu vou recontar nossa  
história através das nossas falas.

Somente nós podemos  
falar sobre nós.....



**1859** Sou ursula, maria, firmina, carolina, gabriela. Sou poeta, mestra, coreira,  
Um corpo que aprendeu tudo o que sabe debaixo das árvores e dos ensinamentos nas casa das minas.  
Um corpo preto que ama, sonha, faz, se refaz.  
Sou carregada de poesias, que deixo por essa cidade, às vezes, na liberdade, outras em algum quilombo.  
Sou luiz gama, corpo preto que nasce em 1830, desmontando um sistema racista...

**1876** Outras horas, sou astolfo marques, corpo feito de letras e histórias, o que você conhece de mim?  
Sou feita de rios, encantaria, toadas, improvisadas em alguma quebrada.

**2023** Sou um corpo poeta, forjada na literatura, me leiam, vejam minhas escrituras. Em cada canto  
dessa cidade, eu estou, às vezes, sendo banhada por Iemanjá em suas águas, às vezes, sendo cabocla de pena  
ao som da matraca, outras em uma roda de samba girando.

**2024** Sou uma poesia gostosa, igual juçara com camarão farinha, sou poesia com cheiro de café.

**2025** Sou maria, firmina, stella, mae kabeca, avó, mãe preta...  
Sou poesia de muitas em uma só, eu vou e volto para o passado e futuro através de um poema.





## Tecnologias africanas

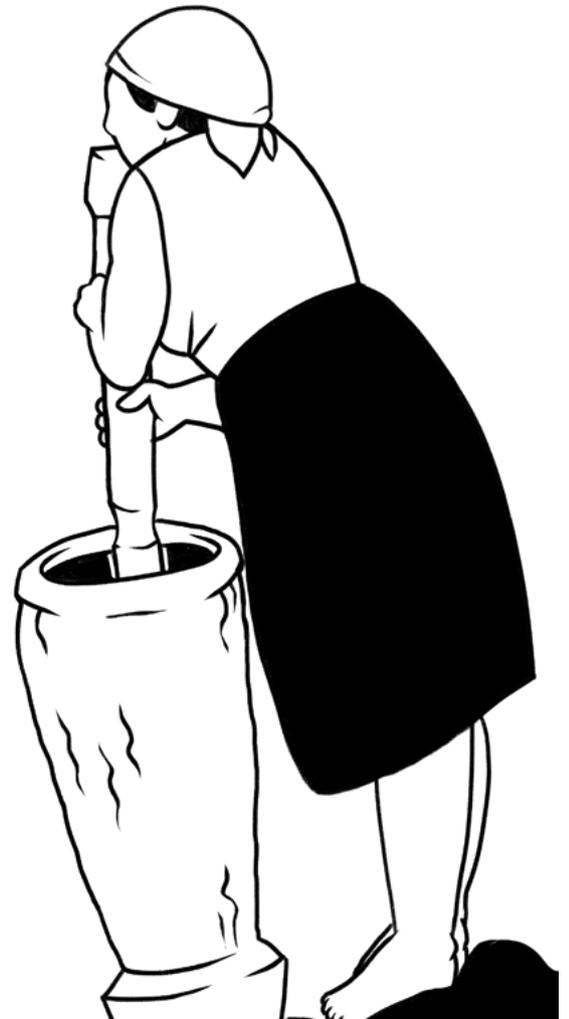
Alberto Rodrigues

Ah, a Ilha do Amor!  
Cheia de encantos e resplendor.  
Oh, meu Maranhão,  
Tens digitais da África em toda a sua construção.

Para qualquer canto ou ladeira que se olhe  
É possível contemplar  
As contribuições das tecnologias  
Afro-diaspóricas, que em ti há.

Seus lindos casarões com fachadas azulejares.  
As igrejas, como a de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos,  
E os encantos de seus altares  
Apresentam, a cada metro quadrado, riquíssimos detalhes  
De todo conhecimento ancestral de tecnologias milenares.

Em todo o centro histórico e para além...  
Há referências tecnológicas que da África vêm:  
Os moinhos, as ferrovias, os engenhos como o  
Engenho Central de Pindaré Mirim.  
Eles revelam os saberes ancestrais que há em ti.

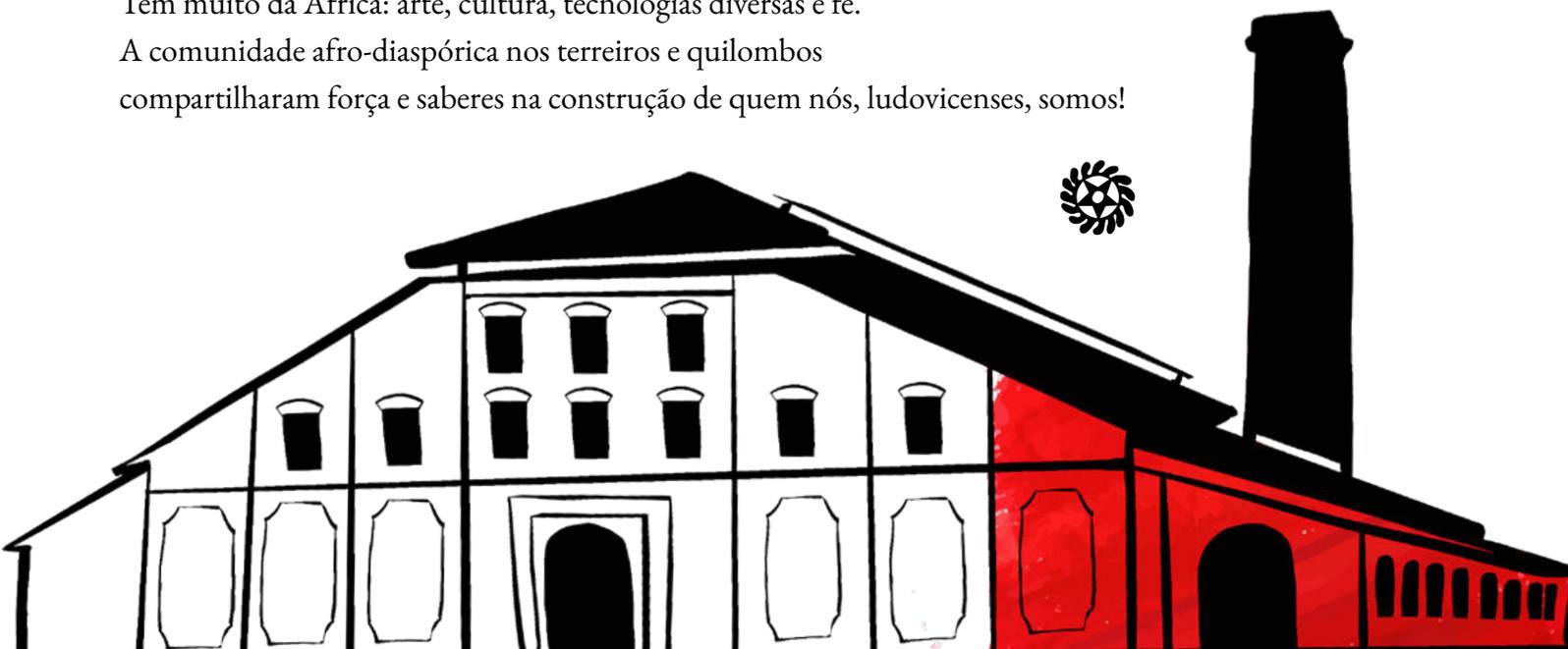


As mãos dos que vieram antes de nós  
Preparam a terra com seu saber para frutificar:  
O algodão, a mandioca, o milho, o babaçu, o arroz...  
Na alvenaria e na carpintaria naval também fizeram a diferença.

Inovaram em diversos outros empreendimentos:  
Prataria, ourivesaria, adornos, olaria...  
Sua cultura e arte são de profundo desenvolvimento,  
Com domínio nos ofícios de santeiros, bordados e alfaiataria.

Seus conhecimentos tecnológicos ancestrais  
Estão envoltos de fé e respeito às ervas medicinais,  
Saberes que se preservam por gerações,  
Que evidenciam as tecnologias africanas e suas contribuições.

Oh, meu São Luís do Maranhão, tudo que és  
Tem muito da África: arte, cultura, tecnologias diversas e fé.  
A comunidade afro-diaspórica nos terreiros e quilombos  
compartilharam força e saberes na construção de quem nós, ludovicenses, somos!



# Arte e Cultura: expressão, memórias e herança

Goreth Pereira

Nosso tambor de crioula  
Chegando pra animar.

Ouvindo o som do tambor,  
Parada não vou ficar,  
Pois o rufar dos tambores  
Me convidam pra dançar.

Chegando à festa junina,  
É completa a animação.  
Tem forró e comida boa,  
Quadrilha no São João.  
Me fazem sentir saudades  
Do meu querido sertão.

Acho lindas as mulheres  
No salão sair rodando,  
Em filas jogando as saias,  
No cacuriá dançando.  
Todo povo aplaudindo  
E todo mundo cantando.

Depois o bumba meu boi  
Chega trazendo alegria.  
O mestre abre seu cantar.  
O sanfoneiro anuncia,  
Nas gaitas e nos baixos,  
Festa até o raiá do dia.

O encontro das culturas,  
Dessa maneira, se faz:  
Bebidas comidas típicas,  
Que o nosso São João traz.  
Festejar com alegria,  
Todo mundo na santa paz.

Culturas são importantes,  
Para todas as regiões.  
Vêm dos nossos ancestrais,  
Antigas populações,  
Tornando a cultura viva,  
Por suas manifestações.



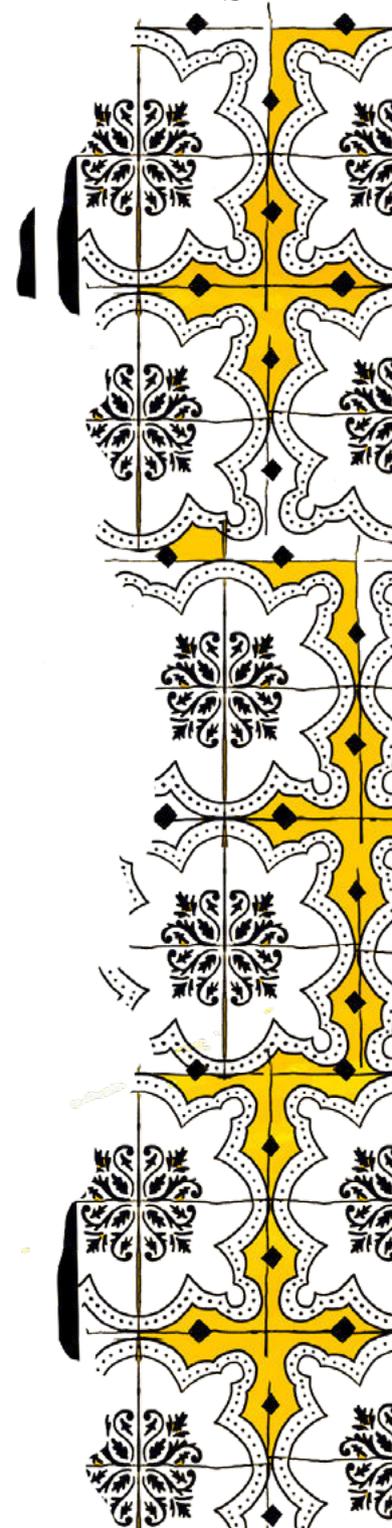


Preservar nossa cultura,  
Valorizar ancestrais.

Coxinho do Pindaré,  
Ninguém esquece jamais.  
Também Apolônia Pinto,  
No Teatro, foi demais.

O Maranhão é Estado  
De riqueza cultural.  
Tantas manifestações,  
Que talvez não tenha igual.  
Viva nossos ancestrais,  
Pela cultura genial.

Foi o legado do africano,  
Que deu muita identidade,  
Na história cultural,  
Dando Visibilidade  
À nossa cultura local,  
Ganhando credibilidade.





## **Culinária, afeto e empoderamento**

*Alberto Rodrigues*

Muito do que hoje se produz e as tecnologias agrícolas existentes no Brasil são oriundos dos saberes ancestrais africanos. O conhecimento de arar a terra, de plantar, de colher traz circularidade de saberes, tendo seu início com as diversas sementes que eram escondidas nas tranças nagô, a fim de gerar sustento ao chegarem nas terras para onde os africanos eram sequestrados, até mesmo em suas fugas.

Há um provérbio africano que diz: “quem come quiabo, não pega feitiço.” Ele revela que para o povo africano, o alimento sempre foi sagrado e a culinária, a transformação e preparo desse alimento também, e sempre esteve envolto de magia, ritos e sagração....O alimento não era apenas para nutrir o corpo, mas também a espiritualidade. O domínio das ervas, tanto medicinais quanto no uso da culinária, vem passando de geração para geração, principalmente, pelas rezadeiras e curandeiros. Os saberes vão da maceração das ervas, das garrafadas ao banho de ervas, cheios de fé e afeto, tudo usado para cuidar, tratar e curar...







## **(Re)Existências: historicidade e militância**

Luanda Martins Campos



Ei! Vou te contar uma história.

Eu sou do Maranhão, uma terra de lutas e de resistências que movimentam a nossa identidade.

Aqui no Maranhão, nossos movimentos significam andar, cantar, falar, fazer arte para exigir nossos direitos.

Território, educação e saúde sempre fizeram parte das lutas do povo negro maranhense. E nossa ancestralidade nos acompanha em cada passo que a gente dá.

É na pungada do tambor de crioula e no urro do boi que nossas histórias giram e se encontram. A pungada é o encontro de umbigos das coreiras no tambor de crioula que reverenciam a vida em comunidade. O urro do boi é um grito de resistência que no bumba-boi do Maranhão chama todo mundo para guarnecer, para se organizar. E assim, a gente percebe que nossa luta se faz no coletivo. E que cada encontro é sagrado. É assim que a gente organiza nossas lutas todo dia. Sabia que somos herdeiras e herdeiros de grandes lutadoras e lutadores?

Somos herdeiras e herdeiros de Negro Cosme, o Cosme Bento das Chagas que no século XIX liderou uma das maiores rebeliões populares do Brasil, a Balaiada e que fez da educação uma arma contra a escravidão.

Também somos guiadas e guiados pelo Axé! Nossos corpos se movimentam, dançam e reverenciam a força dos encantados, dos orixás, das yabás e dos caboclos pelos caminhos da justiça, da liberdade e da irmandade.

E é assim que o Maranhão se movimenta!

Em cada canto dessa terra o povo negro organizado resiste e (re)existe. Entidades, organizações, gerações que se cruzam para ensinar e aprender ao mesmo tempo.

Para entender essa história de luta, você precisa conhecer as organizações e pessoas importantes nesse caminhar: como o Movimento Quilombola do Maranhão, que representa quilombolas da cidade e do interior resistindo pelos seus territórios.

Nossos corpos falam, e como falam, dançam e cantam! Conheça o Bloco Afro Akomabu, o Movimento Hip Hop Quilombo Urbano, os grupos de tambor de crioula, a capoeira e o reggae que trazem em suas linguagens as denúncias e os desejos pela liberdade.

Mulheres sempre à frente. Grupo de Mulheres Mãe Andresa, presente! Os movimentos da maternidade e da comunidade nos trouxeram até aqui: Ana Silvia Cantanhede, Mãe Andresa, Mãe Dudu, Catarina Mina, Maria Aragão e tantas outras que nos dão a mão em nossos primeiros passos na militância.

Na gira dos movimentos, a luta se faz presente e sempre retorna ao passado para beber da fonte e costurar um futuro justo.

O movimento negro já possui muitas vitórias conquistadas com empenho coletivo e respeito a quem veio antes de nós. Conquistas como a Lei 10639/2003, o Estatuto da Igualdade Racial e a lei de Cotas são exemplos de como o movimento negro no Brasil luta desde sempre e se fortalece em quem vem chegando para somar.

Agora, até você entra na roda e faz girar esse movimento de luta. Resistir e lutar são os verbos que mantêm vivo o movimento negro no Brasil e no Maranhão. Aqui sua voz também traz história e mostra que mesmo pequeno, temos o poder da mudança.



**Concepção**

Fundação Municipal de Patrimônio Histórico (FUMPH)

**Coordenação geral e editorial**

Luiz Prado

**Curadoria**

Alberto Rodrigues

**Revisão/Pesquisa**

Elisabete Nascimento

**Projeto Gráfico e diagramação**

Carlíane Sousa

**Ilustração**

Geiza Soares

**Autores**

Alberto Rodrigues  
Elisabete Nascimento  
Goreth Pereira  
Luanda Martins Campo  
Nícinha Durans  
Pietra D'Ofá  
Sônia Nogueira

**Realização**

LP Arte Soluções Culturais

Todos os direitos reservados à Querereres Edições.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida, de nenhuma forma ou por nenhum meio, sem a anuência da editora.

[www.lparte.com.br/monumento](http://www.lparte.com.br/monumento)  
[www.editoraquereres.com](http://www.editoraquereres.com)  
[@editoraquereres](https://twitter.com/editoraquereres)

1ª edição, novembro 2023

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

**Versão acessível**

<https://www.editoraquereres.com/monumento-audiodescricao>

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Monumento à diáspora africana no Maranhão / [ilustração Geiza Soares]. -- São Paulo : Querereres Edições, 2023.

Vários autores.  
ISBN 978-65-85342-03-2

1. Ancestralidade 2. Cultura negra 3. Diáspora africana - Brasil 4. Identidade afro-brasileira I. Soares, Geiza.

23-182522

CDD-305.896081

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Afro-brasileiros : Cultura : Sociologia  
305.896081

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253



Monumento à  
**DIÁSPORA  
AFRICANA**  
no Maranhão



Patrocínio:  
**INSTITUTO  
CULTURAL  
VALE**

Produção:  
**LPARTE**

Realização:  
**PREFEITURA DE  
SÃO LUÍS**  
POR UMA CIDADE MELHOR



MINISTÉRIO DA  
CULTURA

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO